

CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE: CONFLUÊNCIAS E SINGULARIDADES EM ESSE NÃO É O PRESENTE QUE EU PEDI (2015) E MEU IRMÃOZINHO ME ATRAPALHA (2016)

p. 61- 69

Vanessa Cassia Sobrinho Quenehen¹

Resumo

Este artigo, a luz dos conceitos de Literatura Comparada, busca fazer uma análise de duas obras de Literatura Infantil: *Este não é o presente que eu pedi!* (2015), de Aline Abreu, e *Meu irmãozinho me atrapalha* (2006), de Ruth Rocha. As duas obras abordam a mesma temática: o conflito e a formação da identidade do irmão mais velho com a chegada do irmão mais novo. Propõe-se fazer uma análise das duas obras estabelecendo relações entre elas. Inicialmente, traz-se um breve apanhado histórico quanto à trajetória da Literatura Infantil sob os conceitos encontrados em Zilberman (1987) e Cunha (1999). Com base nas ideias e/ou teorias formuladas por Nitrine (2000), Carvalhal (1992), Abdala Júnior (1995), Cândido (1972), Bettelheim (2002), Ceccantini (2008) entre outras que se fizeram necessárias, propõe-se aclarar as semelhanças e diferenças entre essas duas obras infantis quanto à abordagem desta temática que se faz tão importante.

Palavras-chave: Literatura infantil – Identidade – Dialogismo – Literatura Comparada.

Abstract

This paper, based on Comparative Literature concepts, seeks to make an analysis of two children's books: *Este não é o presente que eu pedi!* (2015), by Aline Abreu, and *Meu irmãozinho me atrapalha* (2006), by Ruth Rocha. Both books address the same theme: the conflict and the identity development of the older brother with the arrival of the younger brother. The intended comparative analysis focus on establishing connections between the two books. Initially, the paper presents a brief history of Children's Literature based on the concepts found in Zilberman (1987) and Cunha (1999). Based on the ideas and/or theories formulated by Nitrine (2000), Carvalhal (1992), Abdala Júnior (1995), Cândido (1972), Bettelheim (2002), Ceccantini (2008) among others that were necessary, similarities and differences between these two books are highlighted, vis-à-vis the approach given to this theme which is extremely important.

Keywords: Children's Literature – Identity – Dialogism – Comparative Literature.

Introdução

Os primeiros textos surgidos no Brasil de 1500 obedeciam a finalidades práticas: informações sobre a terra, o que facilitaria a exploração colonial, e a dominação religiosa motivada por questões políticas. Com o passar do tempo a Literatura Brasileira foi obtendo outras especificidades. Em sua trajetória no mundo:

“A história da literatura infantil tem relativamente poucos capítulos. Começa a delinear-se no início do século XVIII, quando a criança passa a ser considerada um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, pelo que deveria distanciar-se da vida dos mais velhos e receber uma educação especial, que a preparasse para a vida adulta” (CUNHA, 1999, p. 22)

No Brasil, foi no final do século XIX que se deu o aparecimento dos primeiros livros para crianças

1- Discente do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Estudos Literários – Nível de Mestrado, na Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus de Tangará da Serra – MT. E-mail contato: vanessa.sobrinho@hotmail.com

publicados por escritores brasileiros. De acordo com Cunha (1999, p.22), a literatura infantil no Brasil tem início com obras pedagógicas, adaptações de obras de produções portuguesas, demonstrando a dependência típica das colônias.

Nesse período, Zilberman (1987) afirma que a faixa etária correspondente à infância recebe nova valorização, momento em que a criança é vista como prioridade no núcleo familiar e seus membros passam a dividir funções comuns à sociedade da vigente. A autora ressalta que nesta época mãe e pai tinham papéis bem definidos aos moldes burgueses. À mãe cabia a responsabilidade da preservação do lar e dos filhos, dando afeto e alimento, e ao pai, cabia a responsabilidade dos encargos financeiros.

Neste cenário, Zilberman (1987) coloca o surgimento da literatura infantil brasileira, repetindo o processo ocorrido na Europa, em que o texto literário preenchia a função pedagógica e de contiguidade. Para esta crítica literária, “é o afastamento desta índole, transmissora de normas e ensinamentos um dos fatores de sua autonomia e valores artísticos” (ZILBERMAN, 1987, p. 87) – o que, a princípio, não era observado neste tipo de literatura.

Lajolo (1986, p. 176) afirma que

Nas imagens do Brasil que os livros infantis dos últimos 20 anos constroem, percebe-se a trajetória ideológica pela qual a literatura infantil contemporânea aproxima-se da não-infantil. Os primeiros livros urbanos dedicaram-se à reprodução verossímil de cenários; condições de vida e valores da classe média brasileira que, a partir do final dos anos 50, iniciava-se em hábitos de consumo.

O período que Lajolo (1986) se refere o leitor infantil era influenciado por uma rede de valores provenientes da classe média brasileira. Até os anos 50, a literatura infantil brasileira era pautada por cenários rurais, é ao longo dos anos 70 que o urbano brasileiro passa a ser descrito com menos idealismo.

A literatura infantil brasileira ganhou espaço e voz, atualmente é composta de um grande acervo híbrido, onde exemplares de caráter emancipatório coexistem aos de caráter utilitário. Diante deste cenário, este artigo se propõe analisar duas obras de literatura infantil: *Meu irmãozinho me atrapalha* (2006), de Ruth Rocha, e *Este não é o presente que eu pedi!* (2015), de Aline Abreu, sob a ótica da Literatura Comparada, com o intuito de observar o caráter utilitário e emancipatório de

cada uma, bem como os encontros e desencontros destas duas obras que possuem a mesma temática: o conflito e construção de identidade do irmão mais velho, com a chegada do irmão mais novo.

Conforme Carvalho (1992) a comparação não é um método específico, mas um procedimento mental que favorece a generalização ou a diferenciação. Esta comparação se torna um meio e não um fim.

O surgimento da Literatura Comparada está intimamente ligado à corrente de pensamento cosmopolita que caracterizou o século XIX. Nos estudos considerados clássicos desta área observavam-se duas orientações: “a primeira era a de que a validade das comparações literárias dependia da existência de um contato real e comprovado entre autores e obras”; já a segunda “determinava a definitiva vinculação dos estudos comparados com a perspectiva histórica”. (CARVALHAL, 1992, p. 13)

A Literatura Comparada traz uma nova concepção de originalidade, resultado da influência de três tendências: a francesa, (positivista), a americana (fenomenológica) e a dos países do Leste Europeu (uma visão dialética entre sociedade e literatura). Segundo Nitrine (2000, p. 131), “apontar influências sobre um autor é certamente enfatizar antecedentes criativos da obra de arte e considerá-la um produto humano, não um objeto”.

Segundo Gardel (1996) todo ponto de encontro gera alguma reação, este espaço de encontro ele denomina fronteira, ou seja, a zona limite em que as partes são obrigadas a ceder para a efetivação do mesmo. Gardel (1996, p. 23 e 24) coloca que essas fronteiras “em igual proporção devem permanecer íntegras para tornar esse ponto de encontro mais rico e denso, num movimento de vaivém que supera opostos, que invade territórios demarcados e que cria a sobrevida do encontro, nem margem, nem leito, o rio”. Observa-se que, como o “rio”, a literatura escrita percorre várias facetas da sociedade e dilui-se em outras perspectivas que nem mesmo o autor possui o real controle. Porém, essa confluência não é um processo meramente simples e indolor.

Segundo Sant’Anna (2003, apud CARVALHAL, 2004, p. 32)

[...] é possível compreender que o diálogo entre os textos não é um processo tranquilo nem pacífico, pois sendo os textos um espaço onde se inserem dialeticamente estruturas textuais e extratextuais, eles são um local de conflito, que cabe aos estudos

Kristeva (1969, p. 146, apud CARVALHAL, 2004, p. 31) afirma que todo texto é absorção e transformação de outro. Carvalho (2004) ainda defende que o processo de escrita é resultado do processo de leitura de um corpus anterior. Em outras palavras, todo texto sofrerá influências diretas ou indiretas de tudo que o autor leu. Essas influências de um texto ao outro serão demonstradas através da imitação, da paráfrase, cópia literal ou da paródia.

Vê-se nestas duas obras, de mesma editora, a abordagem de uma única temática, porém a intenção deste artigo não é afirmar que uma sofreu influência da outra, mas sim, estabelecer relações entre elas.

Conforme Abdala Júnior (2012, p. 28) expõe, “qualquer texto literário, devem ser consideradas suas respectivas situações comunicativas, que envolvem o código literário, e as demais séries culturais”. Desta forma, é traçada, a seguir, uma breve passagem biográfica para que se possa ter uma pequena dimensão do locus enunciativo de cada autor.

Ruth Machado Lousada Rocha nasceu em 2 de março de 1931 na cidade de São Paulo. Filha do doutor Álvaro e de dona Éster, ouviu da mãe as primeiras histórias. O avô Ioiô incentivou a neta lendo os contos clássicos dos irmãos Grimm, de Hans Christian Andersen, de Charles Perrault. O avô, de sotaque baiano, oralizava as histórias. Mas foi a leitura de *As renações de Narizinho* e *Memórias de Emília*, de Monteiro Lobato, que mais influenciou a autora no universo da literatura. Formada em Ciências Políticas e Sociais pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo, iniciou sua carreira profissional (em 1957) na área da educação, atuando como Orientadora Educacional do Colégio Rio Branco, função que exerceu durante quinze anos. Em 1970, concluiu a Pós-Graduação em Orientação Educacional na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da PUC/SP. Seus primeiros textos publicados foram artigos pedagógicos, somente em 1976 teve seu primeiro livro publicado que tinha como título: “Palavras, muitas Palavras”. Lançou em seguida, diversas coletâneas de textos infantis, a custo baixo, sendo assim acessível. Estas coletâneas eram em sua maioria subsidiadas pelo governo. Tem uma filha e dois netos, o Miguel e o Pedro, nomes que

emprestam às personagens da obra *Meu irmãozinho me atrapalha* (2015). Esta obra, objeto de nosso estudo, foi ilustrada pelo esposo de Ruth Rocha.

A autora, que é considerada canônica, possui mais de cinquenta anos dedicados à literatura, tem mais de duzentos títulos publicados e já foi traduzida para vinte e cinco idiomas. Também assina a tradução de uma centena de títulos infanto-juvenis, adaptou a *Ilíada* e a *Odisseia*, de Homero, e é coautora de livros didáticos, como *Pessoinhas*, juntamente com Anna Flora, e da coleção *O Homem e a Comunicação*, em parceria com Otávio Roth. Vencedora de diversos prêmios, incluindo oito vezes o prêmio Jabuti, em 2008 foi eleita membro da Academia Paulista de Letras.

Aline Abreu, por sua vez, é autora contemporânea, nascida no estado do Rio de Janeiro, em Barra do Pirahy, em 1977, mudou-se para São Paulo – SP aos cinco anos de idade. Filha mais velha de uma família de dois filhos, cresceu num bairro afastado do centro da cidade onde ainda pôde ter muito contato com a natureza.

Formada em Artes Visuais pela FAAP (Fundação Armando Álvares Penteado) e Mestre em Literatura e Crítica Literária pela PUC (Pontifícia Universidade Católica), é autora de sete livros ilustrados. Como ilustradora, ela trabalhou na criação de livros em parceria com diversos autores nas editoras Autêntica, Jujuba, Melhoramentos, Globo, DCL, Planeta, Biruta. Ajuda a coordenar o Espaço das Três, coletivo que promove cursos de formação e encontros sobre escrita, ilustração, design e edição de livros. Trabalhou em museu, foi assistente de artista, trabalhou com design gráfico para internet e atualmente é escritora e ilustradora de livros.

Em *Este não é o presente que eu pedi!* (2015) e *Meu irmãozinho me atrapalha* (2006) o mesmo tema é exposto: o conflito de identidade e conquista de espaço do irmão mais velho, até então filho único, com a chegada do irmãozinho mais novo. Em *Este não é o presente que eu pedi!* (2015), de Aline Abreu, nota-se a riqueza das ilustrações que imitam desenhos infantis, o que tanto aproxima a linguagem imagética à narrativa poética que retratam uma criança possivelmente no período de alfabetização. Já em *Meu irmãozinho me atrapalha* (2006) as personagens são representadas por tatus, o que torna a ilustração um tanto inusitada.



Figura 1. (ABREU, 2015, capa)

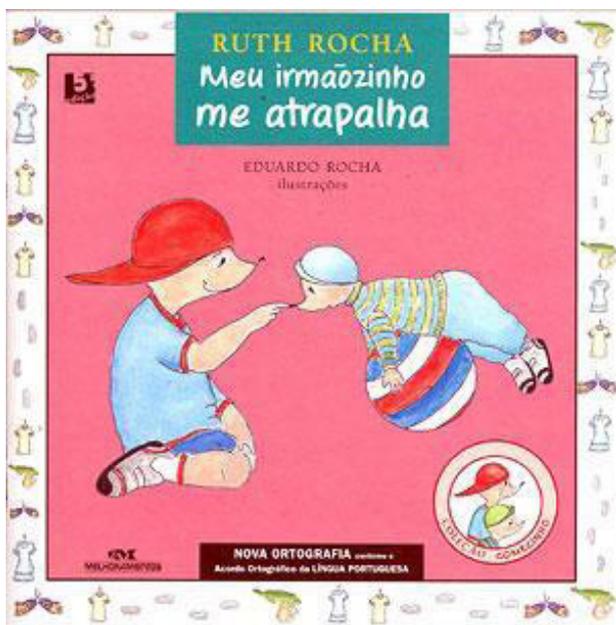


Figura 2. (ROCHA, 2006, capa)

Sandroni e Machado (1986, p. 38) sobre a ilustração afirmam que “no processo de elaboração da linguagem, antes mesmo que se exprima por meio de palavras, a criança é sensível às imagens”. Para estes críticos, a ilustração, através da representação gráfica de uma ideia, “pode ser um elemento decorativo no livro, pode

ser fiel ao texto, mas pode ir além do texto” (SANDRONI e MACHADO, 1986, p. 38).

Toda essa construção híbrida formada de imagem e texto escrito é realizada a fim de transmitir uma mensagem. O texto utilitário irá se apresentar “com personagens modelares com o intuito de inculcar no leitor, por meio de um discurso afirmativo e de uma visão adulta, um modelo de conduta a ser seguido”. (CECCANTINI e PEREIRA, 2008, p. 133). Já o texto emancipatório apresenta-se a partir de construções bem elaboradas, sem preocupações pedagogizantes, não inferiorizando o leitor implícito, nem posicionando o narrador como possuidor da verdade. Cândido (1972) define a literatura como um texto de função humanizadora, integradora e até mesmo psicológica e ainda acrescenta que a literatura “não corrompe, nem edifica, portanto; mas trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver”. (CANDIDO, 1972, p. 806).

Neste sentido, é notório o caráter humanizador das duas obras, pois ambas levam o leitor a uma imersão no drama vivido por uma criança com a chegada do irmão mais novo. As narrativas são ilustradas, o que corrobora para a construção de sentido e sensibilidade infantis, no entanto, este artigo não se propõe estabelecer uma análise da linguagem imagética, embora não exclua a sua importância.

Em *Meu irmãozinho me atrapalha* (2006), a autora Ruth Rocha inicia a narrativa com o discurso de um garotinho apresentando o seu irmão mais novo e, logo no início, nota-se um conflito do menino que fala que gosta do irmão e, ao mesmo tempo, retoma e usa a expressão “acho que gosto”. Em seguida, a narrativa em primeira pessoa descreve o desejo que o garotinho tinha de ter um irmãozinho, algo tão típico da idade e, logo a seguir, coloca as decepções sofridas por esse menino que se chama Miguel e que tem um irmãozinho que se chama Pedro, carinhosamente chamado de “Pedrinho”.

Rocha (2006) se vale de uma linguagem simples, informal, para representar a fala do menino, utilizando termos como “pra” ao invés de “para” e “botou” ao invés de “pôs” ou “colocou”, dentre outros termos.

Para Lajolo (1986, p. 178),

A adesão da literatura infantil contemporânea ao urbano ainda tem outras consequências: legitimou literariamente um registro linguístico bastante mais flexível do que o padrão de linguagem em vigor nos primeiros livros brasileiros destinados à infância. Não foi, no entanto, apenas alterando seus conteúdos ideológicos que a nova literatura infantil brasileira mudou seu tom de voz. A noção de infância também mudou e, com ela, uma nova imagem de criança – sofrida, inquieta, crítica, participante – começa a ser assídua nas histórias.

Nesta mesma época, de acordo com Marisa Lajolo, os narradores em primeira pessoa se tornam mais comuns, e segundo ela “assumindo o ponto de vista da criança, renunciam à onisciência” (LAJOLO, 1986, p. 178). Este recurso aproxima o escritor do leitor, o que favorece uma maior aceitação e identificação do leitor implícito da obra.

No livro de Rocha (2006), é contada a história de um garotinho que solicitava para a mãe um irmãozinho e quando nasce, percebe que ele é muito pequenininho, sempre vai ser menorzinho, e que desta forma ele irá o atrapalhar em suas brincadeiras, ao caminhar no shopping, por ter passinhos curtos, por roubar a atenção da família. No entanto, um belo dia, ao ficar doente, percebe que também é querido pela família. A mãe, que representa o cuidado e proteção, não vai trabalhar para ficar cuidando dele. A tia ficou agradando e o pai trouxe presentes, e o garotinho descreve que este dia foi bom, em outras palavras, o que ele mais precisava, não era tanto de cuidados para curar a doença física, mas sim a necessidade de carinho e proteção, agora divididos com o irmão mais novo. De acordo com Bettelheim (2002, p. 19), “tais temas são vivenciados como maravilhas porque a criança se sente entendida e apreciada bem no fundo de seus sentimentos, esperanças e ansiedades”.

De acordo com Bettelheim (2002), na citação acima, a abordagem de temas assim é um convite para que a criança se identifique com este garotinho e receba esperança, sendo levada a compreender que também é importante, mesmo com a chegada de um irmãozinho tão frágil e dependente. Toda essa concepção de importância e identificação de seu próprio espaço chega ao pico de nitidez com a avó, que simboliza a experiência, que o pega no colo, faz carinho, conta história, dá atenção e o coloca no devido lugar: o de irmão mais velho, que já sabe fazer algumas coisas e que já cresceu um pouquinho mais. A partir desta aparição da

avó, Miguel, a personagem central, passa a ver as limitações do irmãozinho com outros olhos e até o defende de um amigo que acaba falando mal do Pedrinho. A narrativa é terminada com a afirmação categórica de que Miguel gosta muito do irmão.

Em *Este não é o presente que eu pedi!* (2015), a escritora contemporânea, que também é ilustradora do livro, inicia com a expressão de surpresa “chegou” (Abreu, 2015, p. 5) que daria fim à longa espera do irmãozinho, vindo da maternidade. No título, a autora traz uma expressão metafórica. Esse recurso explora a noção de presente, algo recebido, que normalmente é algo bom, porém o momento em que a personagem está vivendo, o presente não é visto de maneira positiva, por se tratar de alguém que veio, aos olhos do garoto, para decepcioná-lo em muitos aspectos e para atuar em um período de conflito vivido pelo protagonista da narrativa. Logo em seguida, o irmão mais velho descreve que o tal presente, que era o irmãozinho, veio todo embrulhado e com bexiga, demonstrando sua indignação diante da perda do espaço e a iminente divisão de cuidados e atenção com o novo ente da família.

O próximo fragmento retrata um garotinho achando tudo chato e dá início às reflexões acerca do que o irmão mais velho esperava e o que realmente ele vivencia em sua nova realidade. Abreu (2015) descreve situações com as quais a personagem precisa se acostumar a partir de então, tais como: fazer silêncio para não acordar o irmão, ter que dividir a atenção com o bebê de pé fofinho. É revelada também a decepção do menino ao perceber que o irmãozinho ainda não sabe brincar e nem ao menos o conhece ou sabe de seus gostos. A narrativa é finalizada com o relato do que, para o menino, é a primeira risadinha do bebê, destinada ao irmão, o que o deixa muito contente, mesmo ainda num momento de relacionamento tão frágil entre os dois. A ansiedade também é descrita com a última fala da personagem que pergunta quando o irmão irá crescer para poder ser como ele sempre sonhou.

A mente infantil do garoto, nessa obra de Aline Abreu, explora pensamentos utópicos a respeito de um irmãozinho amigo e companheiro de aventuras e brincadeiras. Como no fragmento a seguir:

[...]

*O presente que eu pedi ia adorar meu rugido.
Esse grita muito e eu não*

*posso nem falar perto dele
O presente que eu pedi
Ia viajar pra selva comigo.
Com esse só dá pra brincar
De urso-dormindo-no-irverno.
Meio sem graça.
(ABREU, 2016, p. 12-15)*

Abreu (2015) não cita outros membros da família. Em sua obra, ela descreve apenas as relações fraternas. Em nenhum momento cita a relação parental, materna ou paterna. A autora descreve o que para o menino representa uma indiferença por parte do bebê:

*O presente que eu pedi
Ia saber qual é meu
Esconderijo preferido
Esse nem vem me procurar (ABREU, 2015, p. 17)*

Já em Rocha (2006), vê-se esse aspecto familiar explorado na descrição da cena do menino visitando o bebê na maternidade, como também a visita na casa da avó.

Em uma pesquisa feita por Oliveira e Lopes (2010) através de um levantamento dos artigos nos principais meios de divulgação de periódicos de caráter científico, nota-se que, por um tempo, quase não havia pesquisas sobre a chegada do segundo filho, porém, recentemente, este assunto vem sendo retomado por pesquisadores brasileiros no sentido de dar continuidade aos estudos sobre família e trazer mais compreensão do impacto que uma segunda criança causa no ambiente familiar, especialmente no primogênito.

A chegada de uma segunda criança acarreta tanto implicações estruturais e de organização social e econômica, como emocionais para cada um de seus membros, especialmente para o primogênito, uma vez que modifica as trocas afetivas e de interações familiares (DUNN & KENDRICK, 1980; KREPPNER et. al., 1982, apud OLIVEIRA; LOPES, 2010, p. 98).

Ruth Rocha, em sua obra *Meu irmãozinho me atrapalha* (2006), além de trazer uma abordagem para a criança, traz também uma significativa reflexão sobre o aspecto familiar, pois descreve como as ações da família são refletidas na compreensão da própria identidade do irmão mais velho. Conforme (DESSEN & METTEL, 1984, LEGG et. al., 1974, apud OLIVEIRA e LOPES, 2010, p. 103)

[...] o padrão de comportamento da criança parece estar intimamente relacionado ao tratamento e às experiências que recebe da família, do apoio materno e das atitudes parentais quanto à preparação e introdução de alternativas para lidar com a chegada de um irmão.

Segundo o estudo de Oliveira e Lopes (2010) há consenso na literatura científica de que ocorrem mudanças e alterações em diferentes aspectos: entre pai-mãe-filho mais velho, na relação conjugal, na relação mãe-primogênito, na de pai-primogênito, entre outros, o que ressalta a importância de se haver livros de literatura infantil abordando esta temática familiar, por se tratar da formação da identidade infantil.

Percebe-se que Rocha (2006) e Abreu (2015) trabalham de forma singular este aspecto tão pertinente na sociedade. Ruth Rocha, escritora veterana, utiliza-se das representações familiares para demonstrar como essa autoafirmação na infância pode acontecer. Já Abreu (2015) que relata fragmentos de sua própria infância, não se vale deste recurso.

Walter Benjamin (2012) ressalta que o ato de narrar está relacionado à relevância que este fato terá para o ouvinte/leitor, este aspecto estará vinculado às suas experiências e vivências de mundo. Esta interação tem sentido real quando é estabelecida uma relação de partilha entre narrador/leitor.

A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de artefato – no campo, no mar e na cidade –, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. (BENJAMIN, 2012, p. 125)

As duas narrativas perpassam o ficcional e corroboram na construção da identidade infantil. Há muitos “irmãos mais velhos” em situação conflitante como nestas narrativas. Desta forma, a literatura assume o seu papel conforme Cândido (1992) esclarece: a literatura possui um grande poder formador, mas não como querem os grupos dominantes, não é pelo convencimento, mas ocorre de maneira natural, através de obras de caráter emancipatório.

As duas narrativas, em primeira pessoa, descrevem um conflito pessoal, em um cenário

urbano, lugar que Lajolo (1986, p. 178) afirma ser

[...] o espaço onde eclodem conflitos sociais e individuais, crises e desajustes, é lá também o espaço privilegiado da produção e consumida cultura de massa, com a qual a literatura mais contemporânea (e não só a infantil) guarda não poucos pontos de contato. A simbiose entre a literatura e a cultura de massa não afeta apenas suas formas de produção e circulação, como, no caso da literatura infantil, sugere a regularidade de lançamentos, a redundância de temas, a proliferação de séries que trabalham sempre no mesmo horizonte de expectativa dos leitores, a destinação prévia de cada texto a esta ou àquela faixa etária ou à discussão deste ou daquele tema.

A questão mercadológica, dita temas, como também o modo de atuação da literatura como um todo. Com a literatura infantil, esta realidade não é diferente. Tanto Rocha (2006) quanto Aline (2015) foram publicadas pela mesma editora, vê-se aí a redundância de temas. Nota-se, no entanto, que cada autora possui o seu modo de dizer.

Conforme Canclini (2003, p. 350), “As práticas culturais são, mais que ações, atuações. Representam, simulam as ações sociais, mas só às vezes operam como uma ação”. Abreu (2015) e Rocha (2006) trazem em seu bojo uma reflexão de um aspecto comum no seio familiar. Assim como afirma Adorno (1971, p. 289) “certamente, a arte, enquanto forma de conhecimento, implica o conhecimento da realidade e não existe nenhuma realidade que não seja social”. Estas obras levantam um aspecto social e por meio de seu caráter emancipatório, humaniza.

Referências Bibliográficas

ABDALA JUNIOR, Benjamin. *Introdução à análise da narrativa*. São Paulo: Scipione, 1995.

ABDALA JUNIOR, Benjamin. *Literatura comparada e relações comunitárias*, hoje. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

ABREU, Aline. *Este não é o presente que eu pedi!*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2015.

ADORNO, T. W. *Teoria estética*. Madrid: Taurus, 1971.

BENJAMIN, Walter. *O narrador: Considerações*

sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fada*. 16 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

Biografia. Aline Abreu. Disponível em <http://www.alineabreu.com.br/#!about-me/c24vq>. Acesso 06 de julho de 2016.

Biografia. Ruth Rocha. Disponível em <http://www.ruthrocha.com.br/biografia>. Acesso 06 de julho de 2016.

CANDIDO, Antonio; et. al.. *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP: Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CARVALHAL, Tania Franco. *Literatura Comparada*. São Paulo: Editora Ática, 1992.

CECCANTINI, João Luís; PEREIRA, Rony Farto (Orgs). *Narrativas juvenis: outros modos de ler*. São Paulo: Editora UNESP: ANEP, 2008.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. *Literatura Infantil: Teoria e prática*. 18 ed. São Paulo: Ática, 1999.

DAIBELLO, Cláudia de Oliveira. Ruth Rocha: *Produção, projetos gráficos e mercado editorial*. Campinas: [s.n.], 2003. Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. Disponível em https://www.fe.unicamp.br/alle/teses_dissert_tcc/arquivos/Dissertacao_%20Claudia%20de%20Oliveira%20Daibello.pdf. Acesso 18 de maio de 2016.

GARCIA CANCLINI, Néstor. *Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4 ed.. São Paulo: 2003.

GARDEL, André. *O encontro entre Bandeira e Sinhô*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração,

1996.

LAJOLO, Marisa. *Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: história, autores e textos*. São Paulo: Global, 1986.

NITRINI, Sandra. *Literatura Comparada: história, teoria e crítica*. 2. ed.. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

OLIVEIRA, Débora Silva de; LOPES, Rita de Cássia Sobreira. *Implicações emocionais da chegada de um irmão para o primogênito: uma revisão da literatura*. Psicologia em estudo. Maringá: Universidade Estadual do Paraná, 2010, v. 15, n. 1, pp. 97-106, jan-mar. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/pe/v15n1/a11v15n1>, acesso em 01 de julho de 2016.

ROCHA, Ruth. *Meu irmãozinho me atrapalha*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2006.

SANDRONI, Laura; MACHADO, Luiz Raul (Orgs). *A criança e o livro: Guia prático de estímulo à leitura*. São Paulo: Ática. 1986.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. São Paulo: Global, 1987.

Recebido em 27/10/2016

Aceito em 05/12/2016